



Quincas Borba

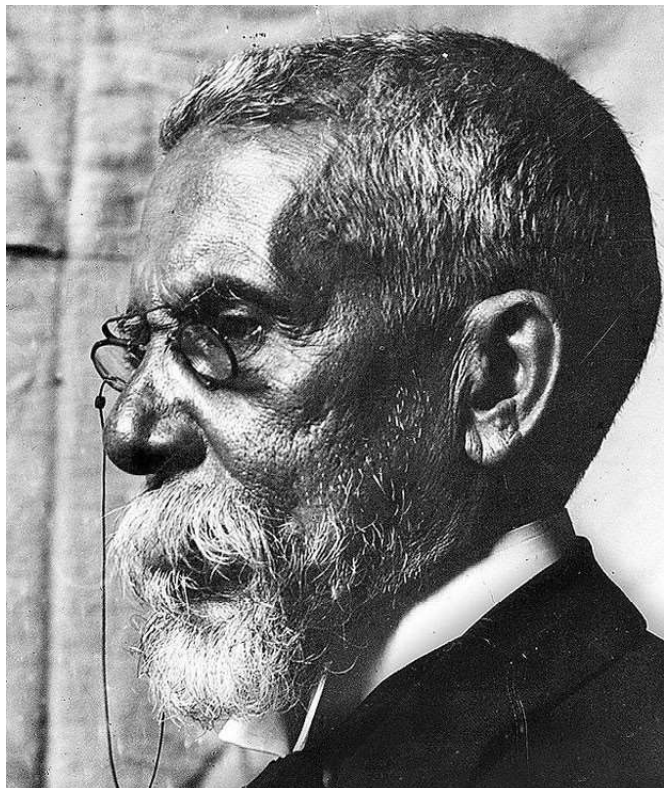
Machado de Assis







## MACHADO DE ASSIS



### A barbada machadiana no vestibular

O vestibulando pergunta ao professor do curso: “Qual o autor que mais aparece no vestibular?”; e não é nenhum dom divino ou uma premonição quando os professores dão o veredito: Machado de Assis.

Criador da Academia Brasileira de Letras, o carioca Machado de Assis é o maior escritor brasileiro e reconhecido mundialmente por suas qualidades, figurando recorrentemente nos principais vestibulares do Brasil. Para ter uma ideia, a lista unificada da Fuvest-UNICAMP de 2010 a 2012 elencava *Dom Casmurro* e a lista de 2013 a 2015 optou por *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ambas obras magnas do autor.

Sem dúvida, suas obras são as representantes máximas do Realismo – inclusive, o início desta escola literária no Brasil se dá com a publicação de *Memórias*

*póstumas de Brás Cubas*, em 1881, remodelando a literatura e trazendo conceitos que negaram a prática romântica em voga até então.

E é por isso que o “bruxo do Cosme Velho”, como é conhecido Machado, é grande. Entender suas inovações é a grande chave para se dar bem no vestibular.

Não podemos nos esquecer de que ele começou escrevendo sobre o molde alencariano, com romances românticos como *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*, mas, sem dúvida, seu reconhecimento se dá pelas obras realistas.

O diálogo com o leitor, a digressão, a metalinguagem e um mergulho na psicologia do homem montam este conjunto de genialidade temperada por uma ironia refinada que desnuda as aparências da sociedade burguesa, com um cinismo elegante que faz de Machado de Assis um dos maiores nomes da literatura mundial.

“Seja no plano da forma, através das interrupções, seja no plano do conteúdo, através de anedotas e apólogos sobre a vaidade humana, a experiência visada não muda, (...) Machado carrega a tinta com maestria – são formas fechadas em si mesmo, e neste sentido, matéria romanesca de segunda classe, estranha ao movimento global própria ao grande romance oitocentista.” (SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*, p. 51.)

### Biografia

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839, na cidade do Rio de Janeiro. Filho do brasileiro Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, moradores do morro do Livramento. Começou a ser cuidado por sua madrinha em 1849, após o falecimento de sua mãe e de sua única irmã. Seu pai casou-se com Maria Inês da Silva, com quem Machado continuou vivendo após a morte de Francisco.

Em 1855, publicou “A palmeira”, seu primeiro trabalho, e “Ela”, seu primeiro poema, no periódico *Marmota Fluminense*. Entrou, em 1856, para a Tipografia Nacional como aprendiz. Em 1858, estudou francês e latim com o professor padre Antônio José da Silveira Sarmiento. Tornou-se o revisor de provas de tipografia e da livraria do jornalista Paula Brito, época em que conheceu membros da Sociedade Petalógica, como Manuel Antônio de Almeida e Joaquim Manoel de Macedo. Colaborou no jornal *O Paraíba* e no *Correio Mercantil*.

Casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novas em 1869. Foi nomeado primeiro-oficial da Secretaria do Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (1873), oficial de gabinete do ministro da Agricultura, Pedro Luis (1881), oficial da Ordem da Rosa por decreto do imperador (1888) e diretor na Diretoria do Comércio (1889). Foi eleito, em 1897, presidente da Academia Brasileira de Letras, fundada por ele um ano antes.

Em 1904, tornou-se membro da Academia das Ciências de Lisboa, e faleceu sua esposa, Carolina Xavier. Machado de Assis morreu em 29 de setembro de 1908, na cidade do Rio de Janeiro.

## Contexto

Inglaterra e França detinham o controle econômico, militar, administrativo, comercial e financeiro no mundo capitalista e caminhavam no afã de ampliar consumidores para seus produtos industrializados. Na segunda metade do século XIX, o Brasil consolidava o império, apoiado na escravidão e com algum encaminamento de modernização.

O País, a este tempo, revelava uma visão do mundo vinculada ao modelo europeu colonizador. Enfrenta o racismo e a ideia de que o trabalho manual é algo indigno.

Machado de Assis viveu momentos históricos importantes da história do Brasil, como a luta abolicionista e a constituição da república, além da Guerra do Paraguai, que repercutiram em sua produção literária.

## O romance machadiano

### Estilo

A elegância e certa contenção ao escrever, as rápidas pinceladas na composição da personagem, muita discrição: eis o estilo machadiano de criar. Sempre foi adepto de personagens fortes. A sua grande capacidade de observação do ser humano e da sociedade já vem impressa desde o início – não é um privilégio da fase realista.

Machado de Assis organizou seus personagens de modo diverso ao dos românticos, ainda que tivesse

sabido aproveitar as ligações que aprendeu da leitura de grandes mestres, como o próprio José de Alencar, o português Almeida Garrett, o francês Victor Hugo ou o inglês Swift.

### Entrelinha

*“No romance machadiano praticamente não há frase que não tenha segunda intenção ou propósito espirituoso. A prosa é detalhista ao extremo, sempre à cata de efeitos imediatos, o que amarra a leitura ao pormenor e dificulta a imaginação do panorama. Em consequência, e por causa também da campanha do narrador para chamar a atenção sobre si mesmo, a composição do conjunto pouco aparece.”* (SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*, p. 18.)

### O olhar por detrás das máscaras



Nos romances iniciais, Machado é um romântico um pouco diferente: já é marcante a crítica que haveria de constituir sua característica singular. Em sua obra, o casamento não era a cura para todos os males (como faziam os românticos), mas um tipo de comércio, uma certa troca de favores.

Nos romances escritos após 1880, passou a acentuar essa crítica social, assumindo uma fina ironia quando focalizava questões delicadas, como o casamento, o adultério e a exploração do homem pelo próprio homem. Acostumou-se a olhar por detrás das máscaras sociais, a fim de desmascarar o jogo das relações sociais, de compreender a natureza humana, focalizando personagens com penetrante espírito de análise. Em outras palavras, Machado de Assis acreditava que nos indivíduos existem sempre intenções



supostas para objetivos reais. É disso que resulta os atos, os quais se dirigem para a satisfação pessoal de quem os pratica.

## Criação de mulheres-símbolo



Mulheres especiais estão presentes na criação machadiana. Não faltam as “dissimuladas” nem as ambíguas, sensuais, astuciosas. Elas não têm a fragilidade da mulher romântica. Machado via a mulher como um ser dominador. Nesse sentido, preocupou-se, por exemplo, em dar-lhes nomes bastante sugestivos: Capitu, sugerindo a ideia de “capitã”, de comandante; Sofia, de “sabedoria”; ou Iaiá, de “patroa”.

Essas mulheres-símbolo também estão presentes nos contos de Machado de Assis. É possível encontrar neles as mesmas elaborações da figura feminina: fatais, adúlteras, recatadas, sedutoras, fascinantes.

## Linguagem e ironia machadianas

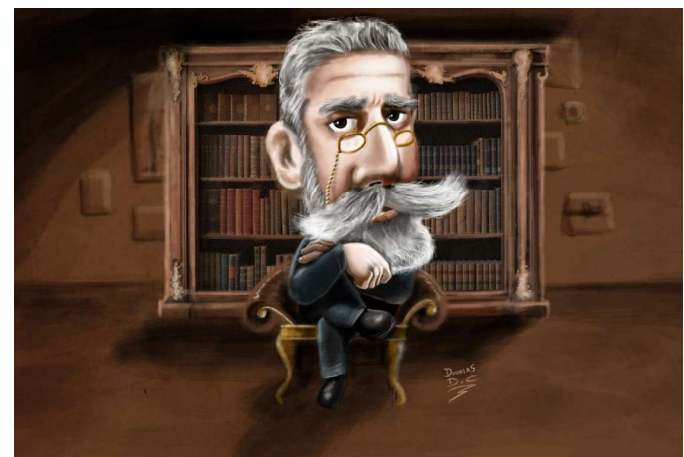
E nós continuamos a ler o tal romance; com um pouco de irritação com esse narrador estranho e arrogante, mas continuamos. Adiante, Brás Cubas, contando sua juventude (era na verdade um *playboy* rico e desocupado), apaixonou-se por uma prostituta de luxo, com quem gasta muito dinheiro (do pai, é claro). Este ficará furioso, mas Brás Cubas, fingindo certa ingenuidade, nos conta: “*Marcela amou-me por quinze meses e onze contos de réis*”. Esta curta frase é maravilhosa, pois, sem denegrir a moça diretamente, o protagonis-

ta nos afirma que o amor dela era profissional, interesseiro, por dinheiro. Marcela não o amava: o autor construiu outra ironia, sugerindo que entendêssemos o contrário do que disse.

E esse romance, tão famoso, vai por aí afora. É só diversão, embora, é claro, com um vocabulário do século XIX, o que nem sempre é simples para nós. Na verdade, o tal Brás Cubas se exhibe até no uso do vocabulário, ele é pedante. Se prosseguirmos na leitura, conseguimos rir muito, pensando que os vários episódios vividos naquela sociedade (por ele e por todos), são os mesmos nos tempos de hoje. E muitas ações sociais e morais são as mesmas... O pai de Brás Cubas, por exemplo, era um exibicionista. Dava festas muito ricas para “fazer barulho”, para aparecer na sociedade. Quanta gente faz isso ainda hoje, não? Existem até revistas especializadas nessa exibição de ricos e famosos.

(Márcia Lígia Guidin, Especial para a *Pedagogia & Comunicação*, atualizado em 13 dez. 2013. Fonte: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/machado-de-assis-1-por-que-le-lo.htm>>.)

## Humor inglês



Acabamos percebendo que as pessoas são as mesmas, que o mundo da hipocrisia e farsa social não mudou. Esta sensação é parte do pessimismo machadiano de que tanto nos falam os livros. Não gargalhamos, apenas rimos em silêncio, com o canto da boca, para nós mesmos. E este sinal é o famoso humor inglês de que falam os estudiosos: as piadas, as ironias são todas assim, inglesas; o defunto diz o que quer, fingindo não dizer.

Um dos momentos mais cruéis (sim, a ironia às vezes é cruel com os personagens) se chama “A flor da moita”. Sabe por quê? Quando pequeno, Brás havia

presenciado um beijo às escondidas que um poeta casado dava numa dama solteirona atrás de uma moita da mansão de seus pais. Pois bem, anos depois, conheceu a filha bastarda dessa mesma senhora, a menina Eugênia. Era linda, educada, pura, mas coxa (manca). Eugênia ficou então sendo “a flor da moita” porque concebida no amor ilícito. Por isso teria defeitos. Perceba que Brás é grosseiro, vulgar e deseducado. Mas quem vai punir um defunto? Quem?

(Márcia Lúcia Guidin, especial para *Pedagogia & Comunicação*, atualizado em 13 dez. 2013. Fonte: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/machado-de-assis-1-por-que-le-lo.htm>>.)

## Digressão

Própria do discurso oratório, a digressão pode apresentar qualquer medida, aparecer em qualquer parte do texto e em obras de qualquer outra natureza, sobretudo a poesia épica, o romance e o ensaio. Empregada desde a antiguidade greco-latina, constitui expediente difícil de manejar, uma vez que pode comprometer a integridade da obra em que se insere. Por isso, hoje em dia tende a ostentar sentido pejorativo, equivalente a “desvio”, “divagação”, “subterfúgio” (Moisés Massaud: 2004, p. 125)

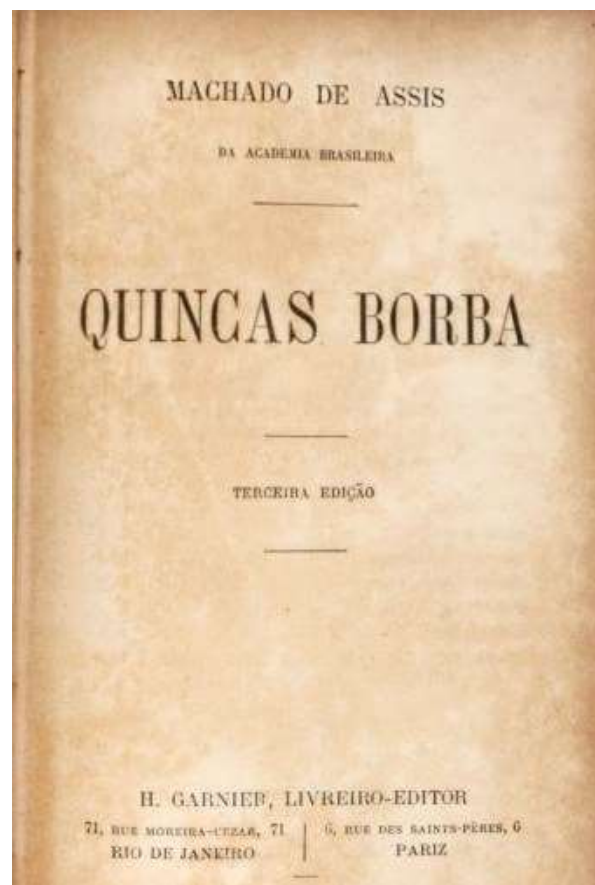
Tanto em *Dom Casmurro* (1899) quanto em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a narração é conduzida por personagens que contam a sua própria história e a comentam. Por trás de ambos está o escritor Machado de Assis que, na verdade, conduz a narrativa como um todo. Acrescente-se que o narrador se vale, na construção do texto, da utilização da narração em primeira pessoa, da participação, da técnica da digressão, do jogo de tempo cronológico e psicológico, do frequente exercício da metalinguagem, da narração em ar de conversa, tudo isso pontuado pelo humor e ironia.

Fonte: <[www.webartigos.com/artigos/digressao-em-039-039-dom-casmurro-039-039-de-machado-de-assis/19269/#ixzz3VDzip2lf](http://www.webartigos.com/artigos/digressao-em-039-039-dom-casmurro-039-039-de-machado-de-assis/19269/#ixzz3VDzip2lf)>.

## QUINCAS BORBA

### Foco narrativo

Narrado em terceira pessoa, o narrador da obra possui uma posição imparcial sobre os fatos.



## Temas

O romance tem como principal característica o foco nas relações sociais da época. Machado faz fortes críticas às relações humanas, como o casamento por interesse.

Temas como interesse, traição, poder, aparência, loucura, ironia, imoralidade e falsidade são salientadas na obra de Machado.

## Intertextualidade

Vale notar que na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Quincas Borba é citado pelo escritor. Por isso, *Quincas Borba* pode ser considerado (em partes) uma continuação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

“Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora, em Barbacena.” (capítulo IV)

Nas duas obras, Machado menciona sobre a teoria filosófica do Humanitismo criada por Quincas. Segundo o filósofo, esse conceito está relacionado com



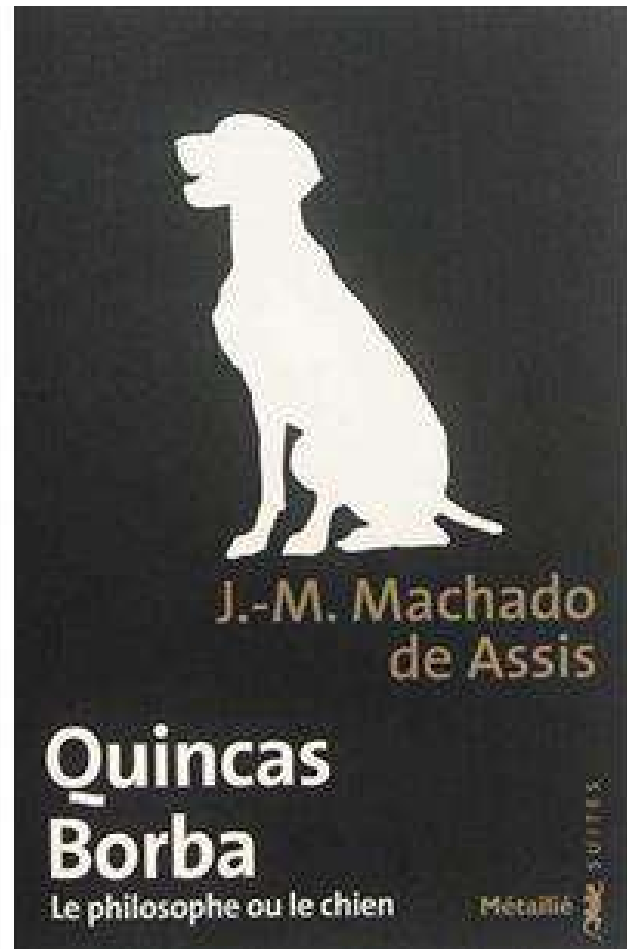
a exploração das pessoas e a falta de humanismo na construção das relações sociais. Então, nessa luta incessante pela sobrevivência, os ingênuos são manipulados pelos espertos. Sendo assim, os fracos padecem, e os fortes permanecem vivos e manipulando outros.



## Personagens

- **Rubião:** professor, enfermeiro e protagonista da história. Ele é o herdeiro do filósofo Quincas Borba.
- **Cristiano Palha:** esposo de Sofia e suposto amigo de Rubião, mas que afinal está somente interessado em sua fortuna.
- **Sofia Palha:** esposa de Cristiano e que, por fim, fica interessada em Carlos Maria. Ela apoia o marido em suas ações.
- **Carlos Maria:** homem que desperta o interesse de Sofia e que, por fim, casa-se com sua prima.
- **Maria Benedita:** prima de Sofia e esposa de Carlos Maria.
- **Camacho:** advogado, político e falso jornalista que também se aproveita da fortuna de Rubião.

## Tema



A traição enquanto temática, sempre presente nas obras machadianas de caráter realista, é insinuada no interesse que Sofia manifesta pelos homens que a cortejam: vale mencionar os personagens Rubião e Carlos Maria. Não chega a de fato acontecer, talvez porque a moça vai encontrar no marido o seu melhor parceiro no engodo, na enganação, sendo esta, enfim, a temática central da obra.

O engodo em sua generalização sugere a existência de uma sociedade improdutiva e parasitária, que age sempre sob máscaras que dissimulam duvidosas transações financeiras e falsos elogios nos jornais. O jogo de aparências revela a sociedade: um diretor de banco é humilhado em uma visita ao ministro e desconta em Cristiano Palha, tratando-o da mesma forma. O próprio Rubião, senhor de sua fortuna, sente-se pequeno ao se deparar com a suntuosidade de uma baronesa do império. Neste sentido, a demonstração de poder é sempre mais importante que o poder em si, que permanece mascarado.

No desenrolar do enredo, o leitor pode-se perguntar as razões do título dado ao livro – seria uma referência ao filósofo que morre logo na abertura

ou ao cachorro que fica de herança? A resposta não pode ser respondida sem a reflexão de que ambas as respostas estão certas. Segundo a filosofia criada por Quincas Borba, *Humanitas* é o princípio da existência que se manifestaria em todo ser vivente, podendo também existir no cão. E talvez esteja nesse princípio a verdadeira razão do título: ele pode ser uma referência ao Humanitismo.

A história de Rubião confirma a filosofia de Quincas Borba, afinal. Sofia e seu marido não fazem mais do que seguir a máxima segundo a qual "*Humanitas* precisa comer". Eles seguem à risca essa prescrição, alimentando-se da fortuna e da credibilidade de Rubião. Os espólios da guerra se destinam aos vitoriosos, segundo outra máxima da filosofia que retoma Quincas e se coloca na fala de Rubião antes de morrer: "Ao vencedor, as batatas". Rubião é o derrotado justamente por representar o anti-*Humanitas*, uma vez que nada em sua vida foi conseguido com luta, mas por mera condição do acaso. Sua loucura gradativa – aproximada da loucura que atinge Quincas Borba – é a confirmação do destino de quem acreditou excessivamente na aparência. Ironicamente, Rubião morreu acreditando-se Napoleão III.

Neste sentido, Quincas Borba simboliza a reafirmação dos princípios humanistas, desnudos de moralidade, onde tudo é permitido, porque tudo se faz em nome da substância original. A filosofia se enquadra perfeitamente no jogo de fingimento das relações sociais – a moralidade aparente esconde a imoralidade da essência dessas relações.

## Resumo da obra

O título da obra está relacionado com o filósofo Quincas Borba (personagem que aparece pela primeira vez na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881), que morre logo no início da história. Com seu falecimento, Pedro Rubião de Alvarenga, discípulo do filósofo e seu enfermeiro particular, é agraciado com uma grande herança.

Rubião resolve, então, mudar-se para um palacete no bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro. Antes, ele vivia numa fazenda na cidade mineira de Barbace-

na. Além disso, Rubião fica encarregado de cuidar do cão de seu amigo, que também, ironicamente – diga-se de passagem –, se chamava Quincas Borba.



Dito isso, a obra narra a história de Rubião: ex-professor primário e enfermeiro, que decide mudar sua vida provinciana passando a viver na cidade. No ínterim de sua trajetória, o enfermeiro conhece o casal Palha: Sofia e Cristiano. A partir daí, ele começa a ter contato com diversas características que o levam a se tornar um "professor capitalista".

Em função da sua ingenuidade, que estava conectada à vida simples que levava, Rubião foi visto como uma pessoa que facilmente poderia ser ludibriada. Logo, passa a conviver com o casal Palha – seus novos "amigos".

Rubião acaba se interessando por Sofia, uma vez que fica extasiado com a beleza e meiguice da moça. Num momento, ele revela seu amor, porém é rejeitado por ela. Fiel a seu marido e suas ações, Sofia conta a Cristiano.

Mesmo sabendo dos intentos, ele continua hipocritamente a relação com Rubião, uma vez que tinha interesses maiores, relacionados com sua fortuna.

Triste com a decisão de Sofia, Rubião, aos poucos, vai sendo acometido pela loucura. Ele crê ser Napoleão III e repete incessantemente a máxima de seu amigo falecido Quincas: "Ao vencedor, as batatas".

Nas palavras de Quincas Borba:



“Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

Por fim, Rubião foge para Barbacena e ali morre ele e o cão. Por outro lado, o casal Palha torna-se ricos.

## Trechos

### Capítulo II

“Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... — Bonita canoa! — Antes assim! — Como obedece bem aos remos do homem! — O certo é que eles estão no céu!”

### Capítulo XCV

“Vou agarrá-la antes de chegar ao Catete, disse Rubião subindo pela Rua do Príncipe.

Calculou que a costureira teria ido por ali. Ao longe, descobriu alguns vultos de um e outro lado; um deles pareceu-lhe de mulher. Há de ser ela, pensou; e picou o passo. Entende-se naturalmente que levava a cabeça atordoada: Rua da Harmonia, costureira, uma dama, e todas as rótulas abertas. Não admira que, fora de si, e andando rápido, desse um encontrão em certo homem que ia devagar, cabisbaixo. Nem lhe pediu desculpa; alargou o passo, vendo que a mulher também andava depressa.”

## Capítulo CCI

“Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, — questão prene de questões, que nos levariam longe. Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.”

## No cinema



Em 1987, foi lançado o longa-metragem “Quincas Borba”, dirigido por Roberto Santos. Assistir ao filme pode complementar o entendimento da obra, mas nunca substituir a sua leitura.

## APROFUNDE SEUS CONHECIMENTOS

1. Em 1891, Machado de Assis publicou o romance *Quincas Borba*, no qual um dos temas centrais do Realismo, o triângulo amoroso (formado, a princípio, pelas personagens Palha, Sofia e Rubião), cede lugar a uma equação dramática mais complexa e com diversos desdobramentos. Isso se explica porque:

- O que levava Sofia a trair Palha era apenas o interesse na fortuna de Rubião, pois ela amava muito o marido.
- Palha sabia que Sofia era amante de Rubião, mas fingia não saber, pois dependia financeiramente dela.
- Sofia não era amante de Rubião, como pensava seu marido, mas sim de Carlos Maria, de quem Palha não tinha suspeita alguma.
- Sofia não era amante de Rubião, mas se interessou por Carlos Maria, casado com uma prima de Sofia, e este por Sofia.
- Sofia não se envolvia efetivamente com Rubião, pois se sentia atraída por Carlos Maria, que a seduziu e depois a rejeitou.

2. No início de *Quincas Borba*, a personagem Rubião avalia sua trajetória, enquanto olha para o mar, para os morros, para o céu, da janela de sua casa, em Botafogo. Passara de \_\_\_\_\_ a capitalista ao \_\_\_\_\_. Mas, no final do romance, o personagem acaba morrendo na miséria.

As lacunas podem ser corretas e respectivamente preenchidas por:

- jornalista – receber um prêmio
- professor – receber uma herança
- enfermeiro – se tornar comerciante
- filósofo – investir em terras
- enfermeiro – se casar com Sofia

3. Assinale a alternativa correta em relação a *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

- O título do livro, como esclarece o narrador, refere-se ao filósofo Quincas Borba, criador do “Humanitismo”.
- Quincas Borba é apenas um interiorano milionário explorado por parasitas sociais como Palha e Camacho.
- Rubião é objeto de disputa amorosa entre a bela Sofia e Dona Tonica, filha do major Siqueira.
- Rubião, sócio do marido de Sofia, comete adultério com ela sem levantar suspeitas.
- Ao fugir do hospital, Rubião retorna com Quincas Borba à sua cidade de origem, Barbacena.

Leia o texto a seguir, extraído do sexto capítulo de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, para responder às questões 4 e 5.

*Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.*

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-649.

4. Com base nas palavras de Quincas Borba, considere as afirmativas a seguir:

- As duas tribos existem separadamente uma da outra.
- A necessidade de alimentação determina os termos do relacionamento entre as duas tribos.
- O relacionamento entre as duas tribos pode ser amistoso (“dividem entre si as batatas”) ou competitivo (“uma das tribos extermina a outra”).
- O campo de batatas determina a vitória ou a derrota de cada uma das tribos.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- I e IV.
- II e III.
- III e IV.
- I, II e III.
- I, II e IV.

5. O Humanitismo, filosofia criada por Quincas Borba, é revelador:

- do posicionamento crítico de Machado aos muitos “ismos” surgidos no século XIX: darwinismo, positivismo, evolucionismo.
- da admiração de Machado pelos muitos “ismos” surgidos no início do século XX: futurismo, impressionismo, dadaísmo.
- da capacidade de Machado em antever os muitos “ismos” que surgiriam no século XIX: darwinismo, positivismo, evolucionismo.
- da preocupação didática de Machado com a transmissão de conhecimentos filosóficos consolidados na época.



e) da competência de Machado em antecipar a estética surrealista surgida no século XX.

6. A filosofia de Quincas Borba é explicada nos primeiros capítulos do romance. Posteriormente, em alguns momentos de delírio, Rubião recorda-se dos ensinamentos do mestre e os sintetiza na frase: “Ao vencedor, as batatas”. A versão completa da máxima, enunciada por Quincas a Rubião no cap. 6, é esta: “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”.

A filosofia inventada por Quincas Borba pode ser comprovada com os seguintes acontecimentos do romance, exceto:

- a) a organização da comissão das Alagoas.
- b) a morte da avó de Quincas, atropelada por carro puxado a cavalos.
- c) o tipo de relação estabelecida entre Camacho e Rubião.
- d) o empenho de D. Fernanda em casar Maria Benedita.
- e) o gesto de Rubião de salvar de um atropelamento o menino Deolindo

#### 7. CAPÍTULO CC

*Poucos dias depois, [Rubião] morreu... Não morreu súbdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, – uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa. — Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...*

*A cara ficou séria porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.*

#### CAPÍTULO CCI

*Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amancebou morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá título ao livro, e por que antes um que outro, – questão prenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.*

(Machado de Assis. *Quincas Borba*.)

#### Depreende-se do texto que:

- a) ao narrar a agonia de Rubião, o narrador deixa implícito que aquele merecia as honrarias de um rei.
- b) a ambiguidade no título do romance, *Quincas Borba*, justifica-se pelo fato de o autor não conseguir definir-se por homenagear o filósofo ou seu cão.
- c) a afirmação que encerra o capítulo CC revela um traço machadiano característico: a ironia.
- d) a declaração de que Sofia não quis fitar o Cruzeiro revela a indiferença como matriz do estilo do autor.
- e) a linguagem empregada para descrever a morte de Quincas Borba revela tendência do narrador a dar mais importância ao cão do que a Rubião.

## GABARITO

1. D   2. B   3. E   4. D   5. A  
6. D   7. E